**Linhas de força em “Bendita Dica” da Cia Burlesca**

*Vocês tem armas, a gente tem amor.*

*Vocês tem farda, a gente tem fé.*

*Vocêm querem guerra, a gente quer terra.*

(Manoel, no Dia do Fogo, em Lagolândia. Personagem de “Bendita Dica”)

 “Bendita Dica” da Companhia Burlesca, do Distrito Federal, é uma peça de valor para o teatro nacional. Primeiro porque dá continuidade, com vigor, a uma tradição do teatro político brasileiro, de abordar o tema da luta pela terra, como expressão das contradições do processo de formação nacional, seguindo o legado de um conjunto potente, embora pequeno em quantidade, de peças como “A moratória” (1955) e “Pedreira das Almas” (1958) de Jorge Andrade, “Quatro quadras de terra” (1962) e “Os Azeredo mais os Benevides” (1963) de Vianinha, Mutirão em Novo Sol (1961) de Nelson Xavier, com colaboração de Augusto Boal, “Se ficar o bicho pega, se correr o bicho come” (1965) de Vianinha e Ferreira Gullar, “Posseiros e Fazendeiros” (2004) e “A farsa da justiça burguesa” (2005) do grupo Filhos da Mãe...Terra do MST/SP, “Trapulha” (2003) e “Como fazendeiro sofre” (2005) da Brigada Semeadores do MST/DF, etc.

 A companhia escolhe um tema desconhecido do grande público, dos livros de história, dos moradores das cidades da região do interior de Goiás. Uma história real, que se passa por volta de 1920, há cerca de um século, que envolve o amálgama da estrutura de poder brasileira: os explorados da terra, trabalhadores submetidos à sistemas cruéis de exploração física e ideológica; de outro lado, o conluio da rede de poder que envolve a oligarquia rural – fazendeiros latifundiários –, a igreja católica, com seus padres e comerciantes, representantes da burguesia local.

 A protagonista Benedita Cipriano Gomes, conhecida como Santa Dica entra na história não apenas como uma líder messiânica que tem sob si uma lente narrativa em chave biográfica e alegórica. A força espiritual é também uma força agregadora e organizativa. Os espectadores conhecem a fama da protagonista pelos seus feitos concretos, e não por promessas ao vento: um casal de camponeses insatisfeito pela forma como são enganados pelo patrão comenta da comunidade de Lagolândia, organizada de forma comunal, com trabalho coletivo, repartição da terra e da renda, com a cultura do trabalho em mutirão, para construir as casas, enfim, um enclave de organização popular cercado pelo sistema hostil do latifúndio.

Benedita, cuja fama já corria pela região, é convocada pelo presidente Artur Bernardes para liderar um exército de quatrocentos homens, com recurso para armas, uniformes, mantimentos, pagos pelo governo federal, para combater a mítica Coluna Prestes, um grupamento de mais de mil combatentes, que marchou sob o comando de oficiais do exército rebelados contra o arcaísmo do país, inspirados pelas promessas de modernidade que adornavam a República.

 Ficamos sabendo que ao tomar contato com a Coluna, e conhecer seus propósitos e sua forma de atuação, Santa Dica se encanta, e percebe que estava a lutar do lado errado. Como consequência, passa a ser combatida pela elite local, e o aparato repressor estadual, formado por soldados do exército e por jagunços dos coronéis latifundiários.

 Para além do mérito em recuperar, no plano do conteúdo, uma história de extremo valor para o estudo sobre a formação da população da região, e da questão agrária, a companhia se empenhou em narrar recuperando formas estéticas populares, como o teatro de mamulengo, os bonecos de manipulação, as canções populares entoadas em coro, de forma bem articulada com técnicas de distanciamento bem manobradas pelo elenco em cena.

 O que vemos em cena é um vigoroso trabalho de pesquisa, de elaboração em forma teatral do material épico documentado. A potencia da peça está em ativar tempos históricos distintos, evidenciando a chave de causalidade entre a situação opressiva e desigual que vivemos hoje com nossa história pregressa. A classe dominante representada em cena pelos bonecos de mamulengo são as mesmas de hoje, com o acréscimo do poder judiciário, conivente com os de cima, e justiceiro com os de baixo, o poder do capital financeiro transnacional, que estabeleceu vigorosa parceria com o latifúndio, e criou o agronegócio, e o poder midiático, das empresas de comunicação privada que detém grande poder de produção de bens simbólicos e manipulação, no Brasil.

 “Bendita Dica” mostra como os acordos feitos de cima pra baixo podem ser superados ou desmontados pela solidariedade de classe, capaz de redesenhar formas organizativas que podem se contrapor à estrutura de poder que se mantém por séculos no Brasil. Uma peça que merece ser montada em escolas, em assentamentos e quilombos, em universidades e nas praças, como forma de ativação da memória da resistência popular e como veículo de contra-comunicação.

Rafael Villas Bôas

Professor da UnB.

Pesquisador dos grupos *Terra em Cena: teatro, audiovisual e educação do campo*

e *Modos de Produção e Antagonismos Sociais*.

[www.terraemcena.blogspot.com](http://www.terraemcena.blogspot.com)

[www.modosdeproducao.wordpress.com](http://www.modosdeproducao.wordpress.com)